O meio ambiente no meio da rua[1]

Ivany Câmara Neiva, Cristina Torres e Nara Lacerda[2]
Universidade Católica de Brasília

Resumo

A partir da atuação teatral e da militância ambiental multimídia do animador cultural e jornalista Ary Pára-Raios, observa-se sua inserção na categoria de *folkcomunicador*. É destacada, ao longo dos trinta e três anos de vida em Brasília, a atuação de Ary Pára-Raios na ocupação criativa do espaço urbano e da mídia, tendo na questão ambiental um dos principais eixos. Destacam-se também características de sua *comunicação popular*, em termos dos temas, formas e linguagens regionais, nacionais e universais utilizadas nas peças e intervenções de seu teatro de rua e na sua atuação midiática.

Palavras-chave: questão ambiental, comunicação popular, teatro de rua

Ary Pára-Raios, ambientalista

3

Há cinco anos, foi instituído pelo governo federal o Dia Nacional do Cerrado[4], em 11 de setembro, como homenagem a Ary José Oliveira – o Ary Pára-Raios, que aniversariava nesse dia, e durante sua vida, a seu modo, destacou-se na militância ambientalista.

Pára-Raios, também a seu modo, foi um comunicador popular, *folkcomunicador* multimídia, e por isso o trazemos agora para o Núcleo de Pesquisas Folkcom, no Congresso da Intercom que tem como tema "Mídia, Ecologia e Sociedade".

O paranaense Ary José de Oliveira era um cidadão do mundo, que tinha o sertão e a *polis* no nome de sua cidade – Sertanópolis – e foi um desses migrantes de muitas viagens, uma delas para Brasília, onde finalmente se radicou. Saiu de casa ainda menino e fez de tudo na vida: foi engraxate, datilógrafo, mecânico, pintor de parede, faxineiro,

[1] Trabalho apresentado no NP Folkcom, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Ivany Câmara Neiva é doutora em História Cultural pela UnB e professora no Curso de Comunicação Social da Universidade Católicade Brasília/UCB, e conhece Ary desde os anos setenta. Cristina Torres e Nara Lacerda são jornalistas formadas na UCB. Cristina é mestranda em Planejamento e Gestão Ambiental, na UCB.
[3] Folder sobre lançamento do Dia Nacional do Cerrado. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Setembro de 2003.
[4] A partir de moção do Conama / Conselho Nacional do Meio Ambiente. Ministério do Meio Ambiente. Conama, Moção n^0 058, de 7 de agosto de 2003.

executivo do mercado de café; bancário; ator, diretor de teatro, pensador, dramaturgo, jornalista; trovador, músico, poeta, artista, palhaço, agente cultural; comunicador.

Chegou a Brasília em meados da década de setenta, vindo de Salvador e de uma história já intensa de atuação política marcada pela palavra, pelo gesto, pela arte. Desde então, foi criando e recriando vida na plural e multicultural Brasília, no Distrito Federal, no cerrado e no Grande-Oeste.

O grupo de teatro de rua, sociedade cultural e ONG ambientalista Esquadrão da Vida, sua mais emblemática criação, completa vinte e nove anos em 2008. Teve início quando ainda se chamava XPTO. O nome definitivo, sugerido pelo jornalista e poeta Tetê Catalão, ficou. Hoje, embora sem Ary[5], continuam nas ruas a sua Folia Real, o seu O Bicho Homem e Outros Bichos e a sua Guerrilha do Bom Humor.

6

Ary era multimídia e fazia da comunicação o seu *meio* e da arte sua linguagem, no teatro, no jornalismo, na produção e animação cultural. Participou do inovador JOU - Jornal Ordem do Universo, que, entre 1976 e 1977, trouxe para discussão temas ligados a cultura e ecologia, reforçando movimentos amplos anti-nucleares e anti-globalização: "foi o primeiro tablóide alternativo da *New Age* do Brasil. O próprio Oscar Niemeyer disse que esse movimento a partir do Ordem do Universo foi o primeiro movimento espontâneo-organizado surgido na capital da república"[7], dizia, em 2004, outro jornalista – Heitor Andrade, relembrando os 20 anos da realização do Primeiro Comício Cósmico do Planalto Central.

O Comício Cósmico foi realizado em Brasília em 1984, comemorando um ano da página Viva Alternativa, que Ary desenvolveu no jornal Correio Braziliense, a partir de 1983. Nesse espaço *alternativo*, mesclavam-se entrevistas, artigos, poemas, propostas sobre cultura, saúde, meio ambiente.

Essa experiência deu origem ao jornal independente de mesmo nome, dirigido por Ary de 1988 a 1994. Inovador em formato e conteúdo, o *Viva Alternativa* tinha

[5] Ary viveu de 11 de setembro de l940 a 12 de fevereiro de 2003.
[6] Adesivos: Jornal Viva Alternativa, Esquadrão da Vida, Eco'92, Espetáculo "Carayba's".
[7] Depoimento de Heitor Andrade, jornalista, em março de 2004.

como eixo a questão ambiental e se tornou porta-voz das organizações ambientalistas não-governamentais nos debates preparatórios para a Eco'92[8].

Ary foi um dos criadores do Fórum Brasileiro de Organizações Não Governamentais e Movimentos Sociais para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, criado em 1990 "para articular a participação da sociedade civil brasileira nos eventos paralelos"[9] à Eco'92, e teve atuação marcante não só nos trabalhos preparatórios, mas durante a Conferência e em seus desdobramentos. Nesse caminho, em 1992 foi fundador da Rede Cerrado de Organizações Não-Governamentais, que reuniu entidades voltadas à "proposição e o desenvolvimento de ações conjuntas para a conservação e o uso sustentável do Cerrado, bem como para a defesa das populações humanas que habitam o bioma e de suas respectivas culturas"[10].

Rede era uma expressão que bem caracterizava a atuação de Ary Pára-Raios. Em seu trabalho no teatro, na rua, na imprensa e nos movimentos sociais, foram se construindo redes, com ou sem nome, ao longo de viagens, conversações, parcerias, encontros. Assim se desenvolveram as diversas reuniões do ENEA (Encontro de Entidades Ambientalistas Autônomas), as oficinas e espetáculos do Esquadrão da Vida, os Encontros dos Povos do Cerrado[11].

Mantendo a articulação entre meio ambiente e cultura, em 1999 passou a escrever sobre cultura regional na Gazeta Mercantil / Distrito Federal. E em dezembro de 2000, Ary assumiu mais uma atividade da Rede: seu jornal Folha do Cerrado.

A militância de Ary se dava também nas intervenções e manifestações públicas de protesto, denúncia ou de apoio a causas socioambientais, como as que se referem à Mata Atlântica, ao Código Florestal, aos animais silvestres, à água, à qualidade de vida. Participou do discurso de equilíbrio planetário, sempre com os pés no Planalto Central e em Brasília, vivenciando *o meio ambiente no meio da rua*[12] e acreditando que com *festa, trabalho e pão*[13] podemos construir alternativas vivas.

---

[8] Também conhecida como Cúpula da Terra ou Rio'92, a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento foi realizada no Rio de Janeiro, de 3 a 14 de junho de 1992.
[9] Notícias WWF. WWF-Brasil e parceiros lançam livros de meio ambiente. Publicações são resultado de reflexão sobre a política ambiental no País. 08/10/2003. Site http://www.wwf.org.br/informa/noticias.
[10] Ver site do ISPN - Instituto Sociedade, População e Natureza. http://www.ispn.org.br/. Acesso em 09.06.2008.
[11] Promovidos pela Rede Cerrado de Organizações Não Governamentais, a partir de 2001. Durante o III Encontro, realizado em Goiânia entre 11 e 15 de setembro de 2003, foi comemorado pela primeira vez o Dia Nacional do Cerrado.
[12] Referência à atividade de teatro de rua desenvolvida pelo Esquadrão da Vida.
[13] Referência à expressão muito utilizada em movimentos sociais ligados a questões ambientais, pela reforma agrária, pela qualidade de vida. O Esquadrão da Vida a registrava em camisetas e objetos de cena.

Porque estamos pensando em mídia, ecologia e sociedade, aqui destacamos um desses caminhos seguidos por Ary: a da militância ambientalista, presente pela linguagem da arte no seu cotidiano, nas atividades e projetos que desenvolveu. Fomos buscar histórias contadas há quatro anos, por pessoas que conviveram com ele em diversos momentos, nos últimos trinta e poucos anos. Essas histórias são agora *escutadas* por nós, com renovado interesse, a partir da observação de Ary como um *folkcomunicador*.

À época das entrevistas, conversamos sobre o interesse de registrar a memória de um tempo do qual Ary, em Brasília, é referência. Foram poucos os entrevistados, mas muitos os contatos. Com o pretexto de lembrar Ary, ressurgiam redes, reanimadas pelas conversas de rua, telefone e correio eletrônico. Optamos pela voz de sete narradores, lembrando o *segredo de cura do Curupira*, no musical Os Sete Trabalhos de Estive, de Ary Pára-Raios[14]: "o segredo está no sete [...] – sete tarefas que vocês encontrarão – depois de uma vem a outra, logo depois vem outra mais, e aquela que passou outra nova sempre traz".

Aqui estão os sete narradores reunidos em torno das histórias sobre Ary:

1. Heitor Andrade. Jornalista e poeta, está presente nas histórias do Jornal Ordem do Universo, das comunidades de Sobradinho (cidade montanhosa do Distrito Federal), do Viva Alternativa e de seus desdobramentos. Desenvolve atualmente o Projeto Espaço Cultural Rural Vera Cruz, na área da Pedra Fundamental de Brasília (Sítio Geodésico do Brasil), em Planaltina / DF.
2. Valdo França. Engenheiro agrônomo, esteve presente nas propostas das comunidades rurais e do Restaurante Coisas da Terra e no suporte de encontros e seminários. É pioneiro em projetos de agricultura ecológica e combate à fome. Nos anos oitenta, criou em São Paulo a ELAE - Escola Livre de Agricultura Ecológica. Vem atuando como consultor técnico na área ambiental e de desenvolvimento sustentável.
3. Maíra Oliveira. Atriz e diretora de teatro. Filha de Ary Pára-Raios, desde criança participou das atividades do Grupo Esquadrão da Vida, que agora dirige. Acompanhou sua atuação jornalística e ambiental, e atualmente também vem discutindo, com amigos e companheiros, novos caminhos para o Grupo e para o acervo de Ary.
4. Eduardo Martins. Biólogo e Mestre em Ecologia, foi Diretor do Ibama / Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis por duas vezes: de

[14] Os Sete Trabalhos de Estive. Direção de Hugo Rodas. Brasília, 1979.

1990 a 1992, quando Secretário Adjunto da Secretaria Nacional de Meio Ambiente dirigida por José Lutzemberg, e de 1996 a 1999. Entre 1993 e 1995, foi Coordenador do WWW / Fundo Mundial para a Natureza, em sua atuação nacional. Dirige a E.labore - Assessoria Estratégica em Meio Ambiente.

5. Adriana Ramos. Jornalista de formação, coordena o Programa Iniciativa Amazônica, no Instituto Socioambiental/ISA. Conheceu Ary ao longo dos trabalhos do ISA, que em abril de 2008 completou quatorze anos de existência, e nos fóruns de ONGs ambientalistas.

6. Bené Fonteles. Poeta, músico, jornalista, compositor, editor de arte. Coordenador do Movimento Artistas pela Natureza, criado em 1987, durante a XIX Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Organizador de vários eventos em Brasília, contando com a presença de Ary Pára-Raios, como o Encontro Nacional dos Ignorantes, em 1991 e 1992. É, hoje, curador-chefe do Museu de Arte de Brasília.

7. Vera Catalão. Especialista em Educação Ambiental e doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Paris VIII, participou dos movimentos ligados ao Jornal Ordem do Universo e Viva Alternativa, e às comunidades rurais de Sobradinho / Mozondó e Guariroba[15]. É professora da Faculdade de Educação da UnB.

O foco dessas conversas – além das lembranças de Ary Pára-Raios – foi o entrelaçamento entre a militância ambientalista, o exercício da comunicação e da cultura, a construção de espaços urbanos partilhados. Buscamos esses rastros, também, em jornais, cartas e documentos sobre o movimento cultural e ambientalista em Brasília e no DF, encontrados em arquivos públicos e particulares. Entre esses, destaca-se o acervo concentrado no último ateliê de Ary, atualmente disperso em vários espaços solidários, e aguardando definição de espaço próprio.

Convite ao Conviver

[16]

Há vinte e cinco anos acontecia em Brasília o Primeiro Comício Cósmico do Planalto Central. Foram sete dias de outubro (de 16 a 23), em pleno ano de 1983, em plena capital do país. Eram tempos de governo

[15] Gilberto Gil e Roberto Pinho faziam parte da comunidade, que é mencionada na canção *Refazenda* (Gilberto Gil, 1975).
[16] Cartaz de convite ao Primeiro Comício Cósmico do Planalto Central. Brasília, 1983. Detalhe.

militar e começavam os movimentos pelo restabelecimento das eleições diretas para presidente do Brasil, após quase vinte anos do Golpe de 1964. O Comício não trazia a bandeira das *Diretas Já*, mas buscava propostas de "alternativas de vida para uma nova sociedade", "não *one day after*, mas aqui e agora".[17]

Durante a abertura do encontro, no domingo, seu organizador Ary Pára-Raios reafirmava o lema de *convite ao conviver* e chamava a população de Brasília "ela mesma, a participar diretamente da humanização de sua cidade".

Na quarta-feira, dia 19 de outubro, os participantes do Comício e toda a população de Brasília foram surpreendidos por um decreto-lei do Presidente da República, General João Figueiredo, estabelecendo medidas de emergência na área do Distrito Federal, "considerando a necessidade de preservar a ordem pública"[18]. Ficava suspensa, inclusive, a liberdade de reunião em locais públicos e recintos abertos. Poucos dias depois, a sede da Ordem dos Advogados do Brasil foi invadida, sob a alegação de estar promovendo um encontro proibido para discutir e contestar as medidas de emergência.[19]

A palavra *emergência* era incorporada às discussões. Na noite do quarto dia do Encontro, Tetê Catalão lia seu texto em que alertava:

> Já vivemos em emergência pela necessidade escandalosa de se apaixonar pela vida. Nenhuma emergência deve justificar a cólera, nem a coleira.
> Nenhuma emergência justifica o pânico de se sentir impotente e ameaçado.
> Somos pelo emergir da pessoa livre e do processo permanente que é se reencontrar e construir os valores da dignidade e da justiça.

Apesar do Estado de Emergência, o Comício Cósmico não sofreu intervenção. Heitor Andrade comenta, vinte anos depois, as circunstâncias que podem ter levado a isso:

> [...] Quando veio o *estado de emergência* decretado pelo General Figueiredo, isso não atingiu o Comício Cósmico. Tinha vindo gente de todo o Brasil, e o Figueiredo já conhecia muito bem todos os elementos que faziam parte desse movimento [...]. [Tinha havido a prisão de um repórter, meses antes, que nos mobilizou e mostrou nossa força nesse aspecto]: [...] e eu, que trabalhava na Última Hora, fui para o Congresso Nacional articular com o pessoal do MDB, na época, [...] e todo mundo se movimentou para salvar esse rapaz, para tirá-lo da prisão. Pois bem: no final da tarde desse dia o Presidente Geisel e o

[17] Ary Pararraios. As difíceis facilidades do conviver. Viva Alternativa. Suplemento Especial do Correio Braziliense. Brasília, 25 nov 1983.
[18] Decreto n.º 88.888, de 19.10.1983.
[19] A invasão da OAB/DF. Site A defesa do estado democrático de direito. http://www.oab.org.br/hist_oab/

> chefe da SNI (que era o General Figueiredo), tinham recebido informações do mundo inteiro, porque a notícia tinha se espalhado. Aí o Wanderley [criador do Jornal Ordem do Universo] recebeu um ofício do General Coelho, chefe da Polícia Federal, que perguntou: "Que diabo é isso, a gente prende um hippie em Sobradinho e no outro dia vocês conseguem movimentar o país inteiro, os canais políticos!" O Wanderley disse: "General, não estamos fazendo movimento comunista de subversão, nosso movimento é uma busca integral, uma busca de novos paradigmas. O marxismo para esse movimento é uma coisa muito velha..." [...] Então, quando quiseram apagar ou fechar o Comício Cósmico, ele disse: "Não, o Comício Cósmico vai continuar, não há nenhuma restrição ao Comício Cósmico". Melhor assim: ficava a idéia que nós só queríamos continuar plantando arroz, fazendo pão, falando de comunidade e de novo milênio. Na verdade a proposta era de novas alternativas de vida, mais amplas e realmente revolucionárias.[20]

Valdo França, participante do Encontro nas discussões e oficinas sobre eco-sustentabilidade e agricultura sem agrotóxicos, lembra que alguns dos temas levantados eram polêmicos e envolviam interesses de grupos influentes. A propósito, relembra:

> Houve um encontro na Câmara dos Deputados, na Comissão de Agricultura, onde deputados e pessoas da Embrapa, da Embrater e da Universidade falavam sobre a agricultura brasileira e criticavam a agricultura ecológica, criticando aqueles que a defendiam, colocando essas pessoas como meros sonhadores ou pessoas fora da realidade. Depreciavam o trabalho sem ao menos nos dar a oportunidade de entrar no debate. Então eu me senti na obrigação de fazer um artigo. Fiz um jogo de palavras com o filme *Je vous salue Marie* e dei o título de *Je vous salue Andef* . A Andef – Associação Nacional de Defensivos – era uma associação que representava interesses fortes. Nesse artigo eu botei os pingos nos is e falei, por exemplo, do entreguismo da Embrapa, da Embrater, da Universidade com relação à revolução verde. Mostrava que entregaram a alma da agricultura brasileira às multinacionais, colocaram a agricultura na dependência e todo esse estrago, que foi feito, esse êxodo rural, essa marginalização, destruição do meio ambiente, as mortandades de pessoas, destruição da natureza, foi tudo colocado. Eu cheguei a Brasília e dei uma desafiada no Ary: 'você publica isso?'. Ele leu e falou: "eu sei que vou ser demitido, mas vou publicar, não vou fugir não". E publicou na Viva Alternativa.[21]

Não há mais muitos exemplares do Ordem do Universo, nem da coluna Viva Alternativa do Correio Braziliense, nem do Jornal Viva Alternativa. Quanto ao Comício Cósmico, são poucos os registros escritos. As referências na imprensa praticamente se limitaram aos jornais *alternativos*, como O Pasquim[22]. O Correio Braziliense, pela coluna Viva Alternativa, de Ary, fez a cobertura diária e publicou um suplemento sobre o Encontro. Heitor Andrade continua:

[20] Heitor Andrade, Brasília, fevereiro de 2004.
[21] Valdo França, fevereiro de 2004.
[22] O jornalista Luís Carlos Maciel, d'O Pasquim, esteve no Comício.

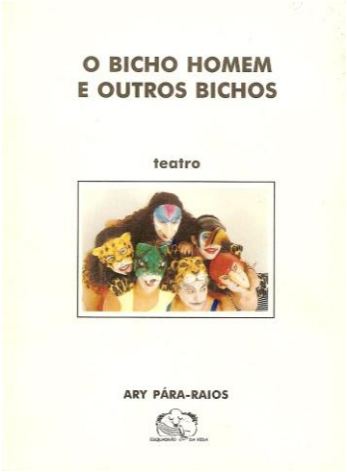
> Esse suplemento sobre o Comício Cósmico é quase um plano de governo na área de ecologia, saúde e educação. E mostra o resultado de um Comício feito com toda liberdade. Lembro que alguns debates foram na Federação do Comércio, com o apoio do Miguel Setembrino e do Newton Rossi, que era o presidente da Federação. Foi o maior acontecimento do movimento alternativo, aqui. Mas como acontece até hoje em Brasília, a mídia nacional não deu muita importância. Interessa só o que acontece no Congresso ou na área do Governo Federal. Mas o Correio Braziliense registrou o Comício, o grande movimento a semana inteira, a presença de pessoas reconhecidas como o Barnabé Soares, que era um grande empresário de São Paulo, vice-presidente da Fiesp, o Walter Vetillo, jornalista de São Paulo, os poetas Wally Salomão e Aguillar, o Gilberto Gil, o Jorge Mautner, o Rogério Duarte, o Hiroshi e o Valdo França, o Raul de Xangô, o pessoal da saúde, de peso, como o Efrain Melara, o Gurudev e o Ernesto Furlan, Paulo Gaiarsa, os arquitetos alternativos Sérgio Prado e Luiz Gonzaga Scortecci, o Marcos Terena, o Joaquim Moura, que plantou uma horta lá no Conic, perto do Jegue Elétrico[23]... E nós, do Movimento[24], e por ali os alunos do Inei[25], o pessoal que passava lá pelo Espaço Le Corbusier, e o pessoal que ia mesmo para participar das atividades do Comício, muita gente... E o Ary, reafirmando um dos motes do Comício: você não tem a solução, você é a própria resposta...

A Arca de Neon: o meio ambiente está no meio de nós

Dizia Ary Pára-Raios que "Brasília é uma cidade nova e no meio do sertão goiano. Projetada para a contemporaneidade e não para satisfazer os cultores do *dejà-vu*, reúne verdadeira Arca de Néon, pedaços do Brasil e do Planeta"[26].

A expressão *Arca de Néon*, em contraponto à Arca de Noé, aparecia em vários textos e depoimentos da época do Ordem do Universo e do Viva Alternativa. Mais tarde, já nos anos noventa, reaparece de vez em quando, associada a possibilidades de "salvação da vida no planeta".

[23] O *Jegue Elétrico* era um espaço em que se misturavam atividades de loja ("loja de inconveniências", segundo Tetê Catalão), centro cultural, armazém natural, ponto de encontro. Funcionava no Conic, perto da Rodoviária de Brasília.
[24] Quando Heitor fala em *Movimento*, refere-se a esse grupo de pessoas ligadas, nos anos setenta e oitenta, a experiências como o Jornal Ordem do Universo, o Restaurante Coisas da Terra, as comunidades, o Viva Alternativa.
[25] O Comício Cósmico foi realizado no Centro Cultural Le Corbusier, do Colégio Inei, no Centro Gilberto Salomão, Lago Sul. Atualmente, nesse espaço são realizados eventos como o BSB Mix e a Feira do Sol e da Lua.
[26] Ary Pararraios. Brasília: colônia ou capital? Correio Braziliense. Viva Alternativa, 27 nov 1983.



[27]

No dia 5 de junho de 1994, durante a Semana do Meio Ambiente, o Esquadrão da Vida estreava a peça *O Bicho Homem e Outros Bichos*, de Ary Pára-Raios, dando início a uma campanha nacional organizada pela WWF (Fundo Nacional para a Natureza), pela legalização do jogo do bicho e destinação de seus recursos para a preservação de animais brasileiros em extinção. Eduardo Martins, à época Coordenador do WWF nacional, relembra:

> O WWF naquela época ainda tinha um forte viés de influência externa, sem uma expressão ativista brasileira de fato. A aliança com o Ary foi muito importante, porque trouxe uma linguagem e uma temática com que as pessoas se identificavam. Sem dúvida, esse trabalho de mobilização social, de identidade, é fundamental O primeiro trabalho foi esse, ligado à questão dos animais em extinção e ao combate ao tráfico de animais silvestres, com *O Bicho*[28].

O Roteiro de *O Bicho Homem e Outros Bichos* inclui sua apresentação:

> A peça é uma colagem de músicas, textos em prosa e verso, idéias, conceitos, pensamentos, comportamentos, posturas, expressões, denúncias e estatísticas sobre animais, animais em extinção ou em vias de, comércio e tráficos que o envolvam. Enfoca o animal como vítima do animal seja pela devastação do seu ambiente, pela omissão ou pela inconsciência. Textos e músicas ilustram uma ação calcada em movimentos de animais. Entre os quais, o homem, claro. A peça não tem intenção de condenar o homem por suas ações depredatórias, mas alertá-lo sobre isso. Sempre com humor e divagando entre a imparcialidade jornalística e a poesia.[29]

Maíra Oliveira, que participou de *O Bicho* desde o início e agora o dirige, fala sobre a trajetória da peça:

> Em 1994 a WWF nos chamou para participar de uma campanha pela legalização do jogo do bicho. Os recursos reverteriam para o combate ao tráfico de animais silvestres. E tem tudo isso no texto do Bicho – aparecem dados estatísticos, músicas, poemas. A campanha aconteceu, o tempo passou e O Bicho continuou, continua em cartaz, atual, dando retorno. É o trabalho que mais nos liga às ONGs ambientalistas. Somos chamados para apresentar O Bicho em várias oportunidades – de apoio, de protesto, de comemoração, de sensibilização. Foi nessa peça que conseguimos fazer a união que a gente sempre quis: mostrar que através da arte você pode falar de ecologia, de meio ambiente, de uma forma que não seja panfletária ou proselitista (meu pai sempre falava sobre

[27] Capa de O Bicho Homem e Outros Bichos. 1999.
[28] Eduardo Martins, fevereiro de 2004.
[29] Trecho de O Bicho Homem e Outros Bichos, Roteiro. 1979.

> isso), nem aquele tipo de *didático* desinteressante. Durante todos esses anos em que estamos em cartaz, nosso propósito é falar sobre o que está acontecendo à nossa volta – o meio ambiente está no meio de nós.[30]

Continuando, traz a questão da militância ambientalista, da educação ambiental no cotidiano, e fala do aprendizado com Ary, seu pai:

> Será que *O Bicho* é um texto ambientalista? Como seria um texto ambientalista? Seria um texto como *O Bicho*, ou outro mais 'burocrático'? *O Bicho* tem uma 'moral da história'? Não sei, não vou ensinar, está lá, precisa ler o texto, ouvir, ver. Você vê os autores que estão lá e então pergunta: será que o João Cabral, o Carlos Drummond de Andrade, o Fernando Pessoa, o Manoel de Barros, são ambientalistas? Será que eles sabem ou sabiam que eram ou são ambientalistas? Não tem como dar esse rótulo e separar uma coisa da outra. Ninguém é ambientalista só meia hora por dia ou meio dia. Eu, por exemplo, não posso dizer que sou ambientalista militante, mas como atriz eu sou uma militante, ambientalista. Meu pai fazia isso todo o tempo, e profundamente. Pesquisou, escreveu para jornal e teatro, dirigiu e foi ator, entrou em contato com os ecologistas, biólogos, agrônomos, organizou e realizou encontros, sempre com essa preocupação com o ambiente que na verdade é uma preocupação com a vida, com a espécie, com a raça humana. Mas não havia uma intenção direta de dar conselhos, e sim de mostrar possibilidades. [...] As pessoas ficam mais sensíveis, pela arte.

Essa *transformação pela arte* é relembrada pelos sete entrevistados como uma filosofia do Esquadrão - no teatro de rua, nas comunidades alternativas, na comunicação popular, na atividade ambientalista. Essa forma de militância pela arte e pela comunicação, de ocupação de espaços no cotidiano, é percebida por outros artistas-militantes, como Bené Fonteles:

> O Ary foi pioneiro em muitas coisas no Brasil, nessa área de ligação com a arte e a educação ambiental. Quando começamos o Movimento Artistas pela Natureza, na década de 80, a gente já era parceiro dele. Organizamos e fizemos muito em Brasília e no Centro-Oeste. Ele levava a alegria dele, levava o palhaço dele do interno para o externo e fazia as pessoas se transformarem, se transmutarem em outros estados de ser. Essa ecologia interna, essa ecologia do ser que a gente começou a discutir na década passada, mais profundamente, já estava no Ary. Ele não separava o que estava fora do que estava dentro. Não era mais meio ambiente, era inteiro ambiente.

Bené Fonteles relembra o Encontro Nacional dos Ignorantes, organizado por ele em Brasília no ano de 1992, com a participação de Ary. Conta que o tema era o *Inteiro Ambiente* - era a Semana do Inteiro Ambiente, reunindo pessoas que traziam tecnologias alternativas para trocar umas com as outras. Bené explica: "A *ignorância* era no sentido

[30] Maíra Oliveira, fevereiro de 2004.

de não saber o que outro fazia, e a proposta era aprender a gerar pontes, intercomunicações. Era também a sabedoria de estar aberto para aprender. Era um chamado à comunicação."

Bené comenta que "essa geração do Ary, Tetê Catalão, Reinaldo Jardim, dessas pessoas todas, era um governo paralelo que existia em Brasília". E explica:

> Eu digo que havia as pessoas *do poder* e as *de poder*. *De poder* éramos nós artistas, jornalistas, os poetas, as pessoas que ajudaram Brasília a resistir. Como no caso do Ary no teatro e no jornalismo, onde ele brilhou, escreveu textos geniais, realçou coisas maravilhosas que existiam por aí e colocou as primeiras questões ambientais. Aí está o pioneirismo dele, que ia resultar no jornal que ele editou anos depois, o Viva Alternativa, que era genial em termos da questão ambiental e da estética. Era uma revolução em termos de tudo, de sair da caretice e tratar vivamente da questão ambiental, da cultura e da arte.[31]

Ary: ambiente por inteiro

As histórias aqui recolhidas mostram uma trajetória em que o artista Ary era ambientalista e comunicador o tempo todo. Ou o contrário, que é o mesmo de novo: o ambientalista e comunicador era artista o tempo todo. Mais uma lição.

E, por falar nisso, fica a pergunta: Ary foi um educador ambiental? Foi diretor de teatro, animador cultural, professor? Pelos rastros, pelas tramas, pelas redes, pela memória, se insinua a resposta de que era, sim, mas sem rótulos, títulos ou compartimentos. Mais uma lição: a linguagem da arte o fazia educador, também ambiental, pois o meio ambiente está em nós.

Adriana Ramos, que conviveu com Ary Pára-Raios nas atividades ambientalistas da década de 90, lembra essas características de sua atuação:

> É curioso: os ambientalistas acham que o Ary era um ambientalista mesmo, os artistas acham que o ambientalismo era um aspecto que ele incorporava no teatro, nos textos. Essa é a característica fundamental: ele conseguiu fazer tudo com tanta intensidade, tanta paixão, que cada um que admirava mais um aspecto, via aquilo como a parte mais importante dele. O Ary tinha uma disponibilidade, um raro senso de valor das coisas. Eu acho que a gente tem hoje uma mídia especializada, profissionalizada, mas que não consegue muitas vezes atingir as pessoas como o trabalho do Ary conseguia.[32]

[31] Bené Fonteles, março de 2004.
[32] Adriana Ramos, março 2004.

Verinha Catalão reafirma essa imagem que o comunicador Ary passava para as pessoas, de inteireza:

> Em Brasília**,** ele soube ocupar a praça, a rua: fazer as pessoas verem o espetáculo de rua, sentarem em banquinhos, até no meio fio para apreciarem aquilo. O Esquadrão da Vida humanizava a cidade. Isso era uma indicação de que ele era educador. E a maior prova dessa capacidade de educador que tinha o Ary foi a capacidade que ele teve, que é rara, de envolver todos os filhos no seu trabalho ambiental. Ele conseguia isso com todos os filhos e com outros adolescentes que trabalharam com o Ary também. É difícil pensar Brasília sem Ary, porque o trabalho dele realmente mudou a cara da cidade. Sem Ary, faltaria um tanto da criação do sistema nervoso dessa cidade, que é criado pelos artistas, por nós educadores que nos envolvemos, nos comprometemos. Ary é símbolo da construção cultural dessa cidade. Na área ambiental, o Ary representou um marco justamente porque trouxe a dimensão estética e comunicativa para esse trabalho. Isso precisa ser lembrado e retomado.[33]

Valdo França destaca a determinação e a postura ética de Ary:

> O Ary para mim era uma referência de determinação. Se você falava - quero ir para lá, quero ir para cá, ele sempre tinha uma opinião, ele não balançava. Não negociava princípios, não se dobrava, não facilitava nada em função de vantagens, não cedia milímetros em relação a princípios, valores, crenças que ele tinha. Mas ele estava sempre receptivo, aberto, para dizer sim ou não, mas estava lá, tinha tempo para as pessoas. Um dia a gente estava na casa dele, já no final, ele já estava magrinho, e chegou uma das meninas do Esquadrão e relatou para ele algo que ela estava fazendo. Parece que o Ary não concordou em certos aspectos e aí eu vi surgindo um gigante daquele corpo frágil, falando com a menina. Eu pensei: caramba, o Ary está aí! O Ary passou por muitas dificuldades, tudo isso sem se render, sem se dobrar ao sistema. Carregava certa amargura, mas ele era artista e transmutava essa dor: ele tinha uma doçura, transmutava a amargura e conseguia por em prática essa doçura.[34]

Maíra Oliveira, além de suas atividades como atriz, diretora de teatro e estudante, vem trabalhando na organização dos arquivos de Ary, o que lhe traz mais subsídios para avaliar sua história:

> Encontrei muitas cartas para meu pai, falando que ele tinha mudado a vida delas (‘você me fez pensar... ’), pelo que escrevia no Viva Alternativa, e algumas, pelo que tinham visto na rua, do Esquadrão. E vinham cartas de bibliotecas, perguntando como podiam conseguir exemplares do jornal. Claro, encontramos também algumas contas, cobranças, documentos que mostram como o dia-a-dia foi difícil. Isso tudo nos formou. E hoje reencontramos muitas pessoas que conheceram meu pai, que foram do Esquadrão, e dizem: eu sou *Esquadrão*! Um

[33] Vera Lessa Catalão, março 2004.
[34] Valdo França, fevereiro de 2004

> monte de gente sente isso. E trazem como marca uma postura de vida, da forma de lutar por uma sociedade mais justa, com mais leveza, influenciando no nosso ambiente, na forma de conviver com as pessoas. Acho que era esse, de verdade, o ambientalismo cotidiano do meu pai.[35]

Além de organizar os arquivos e de procurar um novo espaço para o Ateliê, Maíra e os amigos e companheiros de Ary têm o desafio de dar continuidade ao trabalho vivo de Ary. Continuidade criativa, diria ele. Bené Fonteles avalia o que poderiam ter sido as homenagens:

> Ary às vezes reclamava das injustiças que aconteciam, mas sabia que quem escolhe esse caminho alternativo, de não fazer o jogo do poder, passa mesmo por isso. A nossa geração naquela época, anos 70 e 80, comeu o pão que o diabo amassou, e o Ary morre também disso - da amargura e de muita coisa que ele agüentou durante a vida. Eu tive muitas conversas nos últimos dias dele e sei que isso tem muito a ver. É preciso que as pessoas reconheçam as outras e o trabalho das outras, antes delas fazerem sua passagem. Há uma grande homenagem que devia ter sido feita quando ele era vivo, de ter dado condições financeiras, porque ele lutou muito com relação a isso, passou muitas necessidades. Não se deve fazer isso com os artistas, porque a nação precisa respeitar os artistas que tem. E o artista também tem que dizer que ele é importante sim, dentro da história, do estado, dentro da cultura. É cidadania. O artista não tem que mendigar, ir atrás de verbas, disso, daquilo. Precisa ter condições para criar, trabalhar, ter seu papel na sociedade. O trabalho do Ary tinha tudo a ver com isso: levar arte, alegria, criar espaços de criatividade, de comunicação. Ele pensava muito nessa questão, que todo mundo tinha direito à vida e à arte.[36]

A proposta era levar o teatro às ruas, e isso foi realizado não só em Brasília e demais cidades do Distrito Federal, como em vários Estados brasileiros. A "ópera-cordel" *Na Rua com Romeu e Julieta* e *O Bicho Homem e Outros Bichos*, por exemplo, estavam na bagagem da *Coluna Jeca*, caravana artística realizada em 1997 e 1998, passando por mais de cinqüenta cidades, em Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. A proposta da *Coluna* era essencialmente a troca, o diálogo:

> Os espetáculos e as oficinas desenvolvidas em muitos anos de rua no Distrito Federal [...] são as moedas que os atores mambembes do teatro brasiliense levam para trocar pelos folguedos, catiras, fandangos, modas de viola, reisados, cavalhadas, festas do divino e espetáculos malabarísticos dos circos que [ainda] percorrem as cidades do interior [...]. É jeca como os personagens de Lobato, que mostra o caipira que habita todos nós. Lembra também Mário de Andrade em seu O Turista Aprendiz. [...] e a Coluna Prestes que, na década de vinte, percorreu milhares de quilômetros levando revolução à gente simples do interior. O que os jecas do Esquadrão da Vida levam é arte.[37]

[35] Maíra Oliveira, janeiro de 2004.
[36] Bené Fonteles, fevereiro de 2004.
[37] Newton Araújo Jr. No coração do Brasil. Correio Braziliense, 12.01.1997. Caderno Dois, p. 2.

Um dos produtos desse intercâmbio é a *Folia Real*:

[38]

A peça é um musical inspirado nas folias brasileiras. Forjada em escolas como a *comedia dell'arte*, a montagem tem uma visão lúdica e política do teatro. [...] Como todas as montagens do Esquadrão, Folia Real traz o imaginário popular para onde o cotidiano da cidade realmente acontece: calçadas, praças, esquinas.[39]

Os espetáculos *Folia Real*, *Na Rua com Romeu e Julieta* e, mais tarde, *Romances* são emblemáticos desse diálogo do trabalho de Ary com a tradição dos trovadores, dos saltimbancos e da *commedia dell´arte*, e de sua fusão com a tradição circense, dos folguedos, das danças e encenações populares.

Essa fusão se manifesta, por exemplo, no tipo particular de comunicação que se estabelece na praça pública,[40] nas apresentações de rua, e na utilização da ironia como equipamento retórico. Ary utilizava o riso, a brincadeira e a ironia não só na festa de rua e no teatro, mas no cotidiano de vida e trabalho, na comunicação.

Aqui fica um entre muitos desafios: pensar em Ary Pára-Raios também como um *folkcomunicador* brasileiro.

[38] Cena da Folia Real. Torre de TV, Brasília, fevereiro de 2003. Foto de Ivany Neiva.
[39] Rodrigo Hilário. O palco é na rua. Correio Braziliense, 05.05.2001. Coisas da Vida, p. 8.
[40] Ver BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento***:* o contexto de François Rabelais. São Paulo: Edusp, 1993 (Especialmente Introdução; Capítulos Primeiro e Segundo).

Referências

Ary Pára-Raios. **O Bicho Homem e Outros Bichos** – roteiro de teatro. Brasília: Sociedade Cultural Esquadrão da Vida, 1999.

Ary Pára-Raios. **Os Sete Trabalhos de Estive**. Brasília, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento***:* o contexto de François Rabelais. São Paulo: Edusp, 1993

CATALÃO, Tetê. Carta Magna dos Ignorantes. Brasília, 1991/1992. Encarte da programação do II Encontro dos Ignorantes. Cidade da Paz e Teatro Nacional, Brasília, 1992. Organização de Bené Fonteles.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

FONTELES, Bené. Manifesto Antes Arte do que Tarde. Brasília, 21 de abril de 2001. Encontro Mundial Arte e Identidade Cultural na Construção de um Mundo Solidário. São Paulo, abril-maio de 2001. Site Sambaqui - http://www.imediata.com/sambaqui/

KUYUMJIAN, Naraína de Melo Martins. Edifícios urbanos: impactos e novas sociabilidades. Projeto Itinerâncias Urbanas. http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/

LACERDA, Nara. Palavras na Parede (vídeo-documentário). Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

MOUTERDE, Pierre. **Reinventando a Utopia** – práticas alternativas da esquerda latino-americana. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2003.

NEIVA, Ivany Câmara. Uma história muito presente: a Folia Real de Ary Pára-Raios. In: KUYUMJIAN, Márcia de Melo Martins & MELLO, Maria Thereza Negrão de. **Os espaços da história cultural**. Brasília: Paralelo 15, 2008.

_____, TORRES, Cristina e LACERDA, Nara. Festa, trabalho e pão. In: IV Encontro Nacional de História Oral - História e Tradição Oral. Goiânia: ABHO, 2004.

RIDENTI, Marcelo. Em busca do povo brasileiro: artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro: Record, 2000

SILVA, Maria Cristina Torres e PINHEIRO, Liliane de Freitas. No princípio, era o verde. Meio ambiente em manchete. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

Sites
Abong/Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais - http://www.abong.org.br/
E.labore Assessoria Estratégica em Meio Ambiente. http://www.elabore.com.br/.
Fórum das ONGs Ambientalistas do Distrito Federal e Entorno - http://www.ambiente.org.br/
WWF / Fundo Mundial para a Natureza - http://www.wwf.org.br/.
Geogoiás – Agência Ambiental - http://www.agenciaambiental.go.gov.br/
ISPN / Instituto Sociedade, População e Natureza / ISPN - http://www.ispn.org.br/
ISA / Instituto Socioambiental - http://www.socioambiental.org/
Funatura / Fundação Pró-Natureza - www.funatura.org.br/
Projeto Itinerâncias Urbanas http://www.unb.br/ics/sol/itinerancias/